BLUMENAU
em CADERNOS
Tomo I
Número 3
Janeiro de 1958

Tomo I	Número 3	Janeiro de 1958

Muito Obrigado!

Não poderemos deixar passar sem um registro, no pórtico dêste terceiro caderno, a maneira altamente simpática e honrosa com que a crítica recebeu o aparecimento desta publicação.

Muitas são as cartas que nos chegam às mãos, cheias de louvores e de estímulo, unânimes em julgar a feição literária e a ótima apresentação gráfica desta publicação como das mais interessantes e bem feitas no gênero.

Dentre essas manifestações, entretanto, uma nos tocou de modo todo especial. Trata-se do cativante gesto do deputado Gerhard Neufert, ex-prefeito de Blumenau, requerendo à Assembléia Legislativa de Santa Catarina um voto de congratulações aos editôres dêsses Cadernos, pela feliz lembrança de sua publicação.

A opinião do sr. Neufert é, para nós, sumamente valiosa. Com uma fôlha de inestimáveis serviços ao município, como vereador, presidente da Câmara, como prefeito e, agora, como representante de Blumenau no Congresso Estadual, o sr. Neufert tem autoridade para se manifestar a respeito do que convém, ou não, aos interêsses materiais e culturais do município a que vem servindo tão bem. Por isso, muito nos lisonjeou o requerimento que, a 27 de novembro, último, êle dirigiu à Mesa da Assembléia, requerimento concebido nos seguintes têrmos: "Senhor Presidente. Acaba de surgir em Blumenau uma publicação intitulada "Blumenau em Cadernos", que visa a difundir o passado e o presente de Blumenau. Rebuscando arquivos e contando casos dos tempos idos, serão êsses "Cadernos", sem dúvida, um repositório de fatos históricos, que muito contribuirão para tornar mais conhecida a história do município, fazendo com que mais se conheça, se estime e venere os nomes e as cousas do passado, que fizeram a grandeza atual de Blumenau. Tôda publicação nova que surge, sem dúvida enriquece o patrimônio da nossa terra e, "Blumenau em Cadernos" que obedece a orientação e responsabilidade de Luiz Ferreira da Silva, bem merece, de nós, representantes do

povo de Santa Catarina, um voto de louvor, de reconhecimento e de estímulo, no sentido de que sua trajetória seja coroada de pleno êxito. Assim, senhor Presidente, requeiro na forma regimental, que depois de ouvido o plenário, seja expedida a seguinte mensagem telegráfica: "Ferreira da Silva - Blumenau. Comunico esta Assembléia Legislativa aprovou, por unanimidade, requerimento deputado Gerhard Neufert, formulando votos congratulações a V.S., pelo aparecimento primeiro número publicação mensal "Blumenau em Cadernos", almejando pleno êxito publicação referido opúsculo visa difundir fatos e nomes história Blumenau, constituindo grande subsídio para a história de Santa Catarina. Saudações Ruy Huelse, Presidente Assembléia Legislativa de Santa Catarina."

Muito gratos ao deputado Neufert!

E muito gratos, também, às firmas que estão possibilitando, com o seu auxílio material, a publicação dêstes Cadernos. Ingo Hering, Dr. Júlio Zadrosny, Heinz Schrader, Dr. Udo Deeke, M. Kaeser, Fritz Kuehnrich, Genésio Lins, José Sanches Júnior e Frederico Kilian, bem compreendendo os intuitos que nos animam não tiveram dúvidas — antes se apressaram — a trazer o concurso das firmas que dirigem com extraordinária competência e dedicação ao trabalho que empreendemos e que julgamos de incontestável utilidade aos municípios da Bacia do Itajaí.

E estamos certos de que as outras organizações industriais e comerciais dos municípios banhados pelo maior rio do litoral barriga-verde e pelos seus afluentes não nos negarão o seu apoio.

Não o negarão porque sabem que nós, como êles, pugnamos pelos superiores interêsses da nossa comuna magnífica, querendo-a sempre mais forte e mais glorificada, maior e mais rica para a grandeza e a glória de Santa Catarina e do Brasil.

Um sincero agradecimento, também, aos que, nos honram e distinguem com a sua colaboração intelectual. Êles terão o prêmio na certeza de que, destas colunas, estão prestando um inestimável serviço à inteligência e à cultura da gente catarineta.

O Distrito de Paz de Blumenau foi criado a 7 de maio de 1859, em virtude da lei n.º 74, de 2 de maio de 1837. O território foi desmembrado do da freguesia do Itajaí e compreendia quase tôda a bacia do Itajaí, desde o ribeirão das Minas, divisa dos atuais municípios de Itajaí e Gaspar até para além da serra do Espigão, nas cabeceiras do rio Itajaí do Oeste.

— * —

Em 1856, o Dr. Blumenau adquiriu as terras de propriedade de Bento Dias, em Gaspar e mandou dividi-las em datas urbanas, deslocando, para êsses lotes, que formaram povoação, quase todo o movimento comercial de Belchior e do Arraial de Pocinho.

Relatórios do Dr. Blumenau

Conforme asseguramos no primeiro caderno, uma das principais finalidades desta publicação, é a de divulgar os documentos existentes nos arquivos das prefeituras dos municípios componentes da bacia do grande Itajaí e referentes à sua história e ao seu desenvolvimento econômico e cultural.

Concorremos, assim, para preservá-los de possíveis destruições. Dentro dêsse plano, iremos publicando tudo quanto existe de interessante para a história dos municípios de Blumenau, de Itajaí, de Brusque, de Gaspar, de Indaial, de Timbó, de Rodeio, de Ibirama, de Presidente Getúlio, de Rio do Sul, de Ituporanga, de Trombudo Central, de Trombudo Alto e de Taió e que porventura se encontre nos respectivos arquivos municipais e particulares.

Convidamos os que gostam do estudo da história dêsses municípios a enviarem-nos a sua colaboração. As prefeituras, principalmente. Teremos o máximo prazer em publicar, nestas páginas, tudo quanto se relacionar com essa interessante finalidade.

Vamos publicar, hoje, os dois primeiros relatórios enviados pelo Dr. Blumenau ao Govêrno Imperial em 1852 e 1853. Devemos esclarecer que o primeiro dêsses relatórios, como se infere do contexto, deveria ser o segundo. Entretanto, até hoje não temos notícia do anterior, que deveria ter sido escrito em princípios de de 1852. Envidaremos, porém, todos os esforços, socorrendo-nos de entidades especializadas no sentido de localizá-lo no Arquivo Nacional, ou no da antiga Repartição das Terras Públicas.

Todos êsses relatórios são escritos pelo próprio punho do fundador, em bom vernáculo, pois o Dr. Blumenau falava e escrevia correntemente o português antes mesmo de empreender a colonização das terras do Itajaí.

Nesta publicação, respeitaremos o estilo do fundador. O leitor, naturalmente, notará que êle se ressente de maleabilidade, de fluência, da correção que só os filhos da terra poderiam dar aos escritos dessa natureza. Mas são peças que ressumam sabedoria, modéstia, prudência, equilíbrio, num estilo às vêzes ingênuo, porém sempre sério. O estilo de um homem de bem, sincero, honesto, digno sob todos os aspectos.

"Relatório sôbre a Colônia Blumenau

No meu primeiro relatório, que tive a honra de oferecer no princípio do presente ano, expus o estado da colônia até êste têrmo.

Desde então, os meus trabalhos com a mesma progrediam lenta, porém regularmente, por falta de maior número de trabalhadores; fiz grandes roçadas e picadas, medi terras e preparei um edifício bastante grande para o abrigo de colonos.

Estando ainda ocupado com êstes trabalhos, que conforme a sua natureza se devem sempre de novo principiar e acabar, todavia em poucos dias, cinqüenta sortes de terras foram medidas e demarcadas, o mencionado edifício pronto para abrigar 80 até 100 pes-

soas, os roçados queimados, quando houver tempo próprio e sêco e tudo será pronto, inclusive o arranjo dos mantimentos necessários para eu poder receber maior número de colonos.

O pessoal da Colônia até agora não sofreu grande mudança, por não chegar ainda senão um navio com colonos para a colônia de Dona Francisca, ao qual seguem em breve outros, com os quais estou esperando maior número de colonos para a minha colônia.

Chegavam com destino para a mesma 13 pessoas, deixaram-se porém reter em Dona Francisca, por intrigas e calúnias contra mim em pessoa como contra a minha Colônia 8 das mesmas e por isto chegavam nesta última sòmente cinco pessoas, entre os quais dois moços solteiros e a família de um dos colonos anteriormente chegados e estabelecidos.

Êste acréscimo foi pequeno, tendo eu, porém, as melhor fundadas probabilidades que se lhe hão de seguir em breve colonos em número mais considerável, tomei ao mesmo tempo as minhas medidas para frustrar no futuro na Colônia de Dona Francisca as maquinações e intrigas de algumas pessoas malevolentes.

Desgraçadamente, houve também dois mortos, afogando-se dois moços solteiros no rio Itajaí por virar com canoa.

A cultura do fumo promete na Colônia agora bem fundadas esperanças de grande sucesso — os dois homens que mencionei no último relatório, com o dedicarem-se a êsse trabalho e ao fabrico de charutos, colherão fôlhas bastantes para 45 até 50 mil charutos e estão neste momento ocupados com o fabrico dos mesmos. Principiavam, porém, muito tarde o preparo das terras e contam que no presente ano hão de colhêr bastante fôlhas para 100 mil charutos pelo menos.

O Relatório próximo futuro, que terei a honra de oferecer com o princípio do ano de 1853 e o bom andamento da minha emprêsa, com o qual eu julgo poder contar para o futuro, há de provar ao Govêrno Imperial que não poupei nem pouparei esforços para merecer a confiança com que me honrou.

Colônia Blumenau, 25 de junho de 1852.

Dr. H. Blumenau."

Terceiro Relatório sôbre a Colônia Blumenau.

"O meu último relatório, datado de 25 de junho do ano próximo passado não poderia oferecer senão poucas novidades sôbre a emprêsa colonial à cuja testa me acho, sendo o tempo desde o princípio do ano até junho ordinàriamente aquêle em que não chegam colonos e os progressos se restringem aos trabalhos preparatórios e da lavoura os quais, pôsto que importantíssimos, saltam menos aos olhos.

Desde aquela data a face dos negócios da mesma emprêsa mudou inteira e ràpidamente e promete para o futuro as mais bem fundadas esperanças.

No dito último relatório tinha de cifrar sòmente cinco pessoas chegadas no primeiro semestre do ano p.p.; o número dos colonos chegados no segundo semestre eleva-se a noventa e nove, do que resulta o número total de cento e quatro pessoas pelo ano p.p. Destas chegavam cinco pelo navio "Ema e Luise", em junho e pelo "Florentin" em julho e 32 pelo "Andromache" em dezembro, todos por via de São Francisco e mais sessenta e tantas pessoas no "Swea" por via do Destêrro, tomando-se dêstes últimos em conta sòmente 58, os quais se estabeleceram definitivamente na Colônia.

O mesmo total dos colonos por mim introduzidos nas margens do rio Itajaí desde o princípio da emprêsa com a chegada dos primeiros colonos no mês de agôsto de 1850 é de 134, como consta do respectivo livro da Colônia e dos passaportes dos colonos e pertencem todos à igreja evangélica cristã; dêste número total ausentaram-se da Colônia quatro pessoas e não têm esperanças de voltarem; quinze pessoas ausentaram-se da Colô-

nia ficando porém nas margens do rio Itajaí, estabelecidos ou trabalhando em jornal, e enfim, três afogaram-se.

O número total dos colonos neste momento estabelecidos na Colônia é, pois, de 102 e acrescendo-se dois nascidos na mesma, de 134; dêstes, 53 estão casados, 51 solteiros; 33 de 1 até 10; 20 de 11 até 20; 48 de 21 a 30; 16 de 31 a 40; 11 de 41 a 50; 5 de 51 a 60 e um de 68 anos de idade. O número de casais é de 24; fogos tem atualmente 15, dos quais um no lugar destinado para a futura povoação ou freguesia, e 14 na Colônia mesma, dos quais um atualmente abandonado por morte do dono que desgraçadamente se afogou. Um fogo mais está em construção no lugar da povoação; os colonos chegados a três semanas hão de ocupar as suas sortes depois de terem plantado batatas e feijão no lugar da povoação onde eu lhes proporcionei terras preparadas e mais outro trabalho para aproveitarem melhor o tempo calmoso, o qual lhes opõe muitas dificuldades de entrarem desde já no mato.

Entre os colonos que se estabeleceram ou ainda o pretendem, acham-se: um médico; um professor formado, um jardineiro formado no Jardim Botânico da Universidade de Berlim, um alveitar e vendeiro, um ferreiro, um espingardeiro, um torneiro, 2 alfaiates, 2 sapateiros, um pedreiro escultor, um pedreiro, um cavouqueiro, três marceneiros, um construtor de engenhos, um moleiro, dois carpinteiros, um tanoeiro; os outros são paisanos, lavradores e pertenciam a diversas classes da sociedade européia. Todos trabalham na lavoura sem exceção alguma e os oficiais ao mesmo tempo no seu ofício. Em geral são muito morigerados e dedicam-se ao trabalho com extraordinária energia e perseverança de maneira que já têm roças extensas plantadas e a plantar nos meses próximos.

Desgraçadamente o tempo desfavorável que reinava desde a sua chegada dificultou muito êstes trabalhos e o alto preço de todos os víveres pesa muito sôbre todos e igualmente sôbre mim, que tenho de sustentar grande parte dêles, que chegavam sem meios pecuniários. Não obstante, todos parecem olhar para o futuro com coragem e cheios de esperanças.

O Vale do Ribeirão do Garcia, onde eu lhes proporcionei as suas sortes em proporções de cinqüenta mil braças quadradas (100 geiras) para cada uma família, é um dos mais formosos, com excelente água, a terra é das melhores do fértil Vale do rio Itajaí e mesmo o clima, não obstante a muitas influências desastrosas, provenientes das imensas chuvas dos meses passados, confirmava-se excelente e não houve nem um só caso de doença grave.

Os pedreiros estabelecidos na Colônia pretendem estabelecer uma fábrica de pedras de amolar, para as quais se achou excelente material; mandei uma amostra para o Rio de Janeiro e estou a espera dos avisos sôbre o preço e julgo que esta indústria será mais tarde muito lucrativa para a Colônia. Com a ajuda dos carpinteiros e do construtor de engenho pretendo estabelecer em breve um moinho para fabrico de farinha de milho e de arroz e outro engenho de serrar madeiras, os quais hão de contribuir para o bem estar dos colonos e aumentar os meios de subsistência; arranjo ao mesmo tempo aos colonos os víveres necessários e tôdas as mudas, sementes, etc, de que carecem para se poderem dedicar sem perda de tempo aos seus trabalhos na roça. E para melhor fazer isso, e poder inteiramente livrar-me aos negócios cada dia mais amplos da Colônia, arrendei o meu sítio no Ribeirão da Velha por cinco anos, ficando sempre a morar ali e perto ou dentro na Colônia.

Tendo cuidado assim e ainda cuidando dos interêsses materiais dos colonos como dos mais urgentes, não podia ainda fazer o mesmo com os interêsses espirituais. Celebrava-se no princípio todos os domingos e logo mais irregularmente o culto divino, porém não tem ainda edifício próprio. Com a escola, para a qual já tem um excelente professor não se poderá principiar senão no fim do presente ano precisando ainda os colonos muito da ajuda dos seus filhos; espero que o edifício para a mes-

ma esteja pronto no mês de agôsto p. futuro, será pôsto no centro dos colonos até agora chegados, para oferecer mais cômodos à maior parte dos mesmos, e o mesmo servirá então para o culto divino que é servido pelo mencionado professor.

Para o segundo semestre do ano presente, espero pela chegada de 100 até 200 colonos e podia receber muito maior número, a não ser a escassez de meus meios pecuniários mal proporcionada a uma emprêsa desta magnitude, a qual me obriga a proceder com a maior circunspecção para não arriscar o futuro da Colônia.

Querendo o Govêrno Imperial ajudar e socorrer-me ainda com alguma quantia, para poder oferecer aos colonos indigentes maiores trabalhos em cujo emprêgo podiam ganhar o sustento do princípio e preparar o seu definitivo estabelecimento, a Colônia teria sem dúvida em breve um incremento grande e vantajoso ao país.

O Exmo. Sr. Presidente desta Província, a quem devo os maiores agradecimentos pelo muito cuidado com que proteje a minha Colônia, tendo me encarregado de melhorar o caminho desde a Colônia até a barra do Rio Itajaí no mar e proporcionando alguns meios para as pontes mais necessárias nesta distância, êste melhoramento, com que hei de cuidar da maior parcimônia e atenção, contribuirá poderosamente para o adiantamento da Colônia, sobretudo para a abastança com gado e carne verde e espero da bondade e circunspecção bem conhecidas do mesmo Exmo. Sr. o fornecimento de mais meios necessários no ano financeiro próximo futuro, caso os que atualmente foram proporcionados e serão religiosamente empregados, não chegarem para estabelecer um trajeto regular.

Assim a Colônia promete um futuro bastante lisonjeiro e eu hei de continuar na obra encetada com a maior circunspecção e todo o fervor de que estou capaz, para mostrar-me digno também no futuro da confiança com que o Govêrno Imperial me honrava.

Contratos ainda não fiz com os colonos; entreguei-lhes as terras como propriedade sua dentro da legislação em vigor e pedi dêles apenas a restituição das custas dos diversos gastos com a medição das mesmas e outros preparativos, em quantia de Rs 7$500 por cada uma sorte.

Os colonos ficam, porém, sujeitos aos estatutos da Colônia, os quais hei de estabelecer em comum com os mesmos dentro de poucos meses para mandar juntá-los ao meu próximo relatório ao Govêrno Imperial.

Os gentios bugres ou botocudos deram no dia 28 de dezembro p.p. um assalto ao meu próprio sítio no Ribeirão da Velha sendo eu desgraçadamente ausente (*) mas a coragem e vigilância dos meus arrendatários frustrava as suas intenções sinistras. Mataram aos bugres, cujo número era de seis, em justa e legítima defesa de suas vidas e propriedades, dois e feriram um terceiro levemente. O combate não tinha outras funestas conseqüências, os colonos longe de ficarem aterrorizados, mostraram a maior alegria sôbre o resultado do mesmo e eu tenho a satisfação de ver que a distribuição das terras, como eu a efetuava, era bem acertada — os bugres não atacavam a mesma onde os moradores estão bem juntos mas sim o meu sítio no retiro.

Não obstante, pedi ao Exmo. Sr. Presidente desta Província uma guarda de oito soldados para a proteção dos meus colonos, que logo m'a concedeu com a sua costumada benevolência.

Hei de empregá-las principalmente para abrir picadas em redor da Colônia para melhor poder vigiá-la.

Concluo êste meu terceiro relatório recomendando-me de novo à benevolente e poderosa proteção do Govêrno Imperial com cuja ajuda espero levar a minha emprêsa ainda nascente a um fim útil ao país que me deu abrigo hospitaleiro e correspondente às vistas e esperanças do Govêrno Imperial e de todos os interessados.

Cidade do Destêrro, 18 de janeiro de 1853

Dr. H. Blumenau"

(*) — Vide Caderno Anterior, página 38

Os Primeiros Moradores do Itajaí

Almirante LUCAS A. BOITEUX

Os "Arzão"

Quando D. Francisco de Souza, senhor de Beringel, apelidado "Francisco das Manhas" mercê das continuadas lábias de que usava, veio assumir o govêrno-geral do Brasil, em 1591, trouxe em sua companhia o flamengo **Cornélio de Arzão.** Como o "grande objetivo, o verdadeiro, de D. Francisco visasse o descobrimento de riquezas minerais", — segundo nos informa o mestre Taunay — transferiu-se para São Paulo em 1599. Arzão o acompanhou e foi encarregado de "edificar os engenhos das Minas da capitania vicentina, com 200 cruzados de salário. Em 1610, a Câmara de São Paulo o incumbiu da construção da matriz da vila. Sabe-se que teve uma questão judicial com os jesuítas e, por isso, foi excomungado e encarcerado durante vários anos, tendo seus bens confiscados... Em certo tempo passou a fundir ferro, que transformava em ferramentas vendidas por elevado preço. Houve protesto contra esta alta de preço. A Câmara intimou Arzão a baixá-lo sob pena de 2$000 de multa. Faleceu Cornélio Arzão em 1638. Foi casado com Elvira Rodriguez, filha do castelhano Martin Fernandez Tenorio de Aguilar, famoso bandeirante, conforme nos mostra o egrégio historiador das Bandeiras. Do seu casamento, ao que sabemos, nasceram:

I — **Braz Rodrigues Arzão** - Estêve entre 1671-74 na Bahia combatendo os silvícolas. Como Capitão-mor da gente de leva participou da expedição de Jorge Soares de Macedo, em 1679, à Colônia do Sacramento. Depois de naufragar, ser prisioneiro, etc., voltou a São Paulo, onde foi Procurador do Conselho e ali se afazendou. Como Capitão-mor da vila de Itu, faleceu em 1692. Azevedo Marques dá sua morte em 1680.

II — **Cornélio Rodrigues Arzão** Entre 1668 e 1671 o encontramos fazendo entradas no sertão. Era casado com Catarina Gomes. Faleceu como Capitão-mor de Itu, em 1684.

III — **Manuel Rodrigues Arzão** Em 1662 foi Juiz de São Paulo e fêz entradas no sertão. Em 1672 recebeu uma carta do príncipe. Em 1676 era administrador da aldeia de Barueri. Foi casado com Maria de Azevedo.

IV — **Suzana Rodrigues Arzão** Foi casada com Pedro Dias Botelho. Desta união, supõe Taunay (Hist. geral das Bandeiras, vol. VIII, pag. 268) nasceu:

1 — **João Dias de Arzão** - que o Dr. Luiz Gualberto declara ter tido por mãe Maria Henriques, e ser casado com Maria Pedrosa, e pai (1) de Domingos Francisco Francisque, o "Cabecinha". Declara ainda o historiador citado que João Dias de Arzão possuía um sítio ou fazenda na Barra-Grande, propriedade que depois passou a pertencer a Francisco Gomes Galhardo e sua mulher Ana Vieira e, posteriormente, foi vendida a Francisco Dias Belo, natural de São Francisco e filho de Christovam Dias Belo, nascido na Gram-Canária e que foi o tronco dos Belos francisquenses. Quando, por 1655, o Capm. Manuel Lourenço de Andrade, com poderes do marquês de Cascais, veio fundar a vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco do Sul, entre outras sesmarias, concedeu a João Dias de Arzão uma na zona da lagoa de Acarahy. Quando, por 1679, chegou a São Francisco o Tenente de general Jorge Soares de Macedo, acompanhado de Braz Rodrigues de Arzão e outros, a caminho da ilha de Santa Catarina, a fim de reforçarem os elementos concentrados na Colônia do Sacramento, João Dias de Arzão forneceu a Macedo "um negro língua de terra" e — segundo o Dr. Gualberto — chefiando uma bandeira, pene-

trou "até as faldas de Buenos Aires", explorando o sertão vasto e despovoado, onde encontrou as trilhas dos padres castelhanos, pertencentes à Companhia de Jesus. Por 1680-81 exerceu êle o cargo de Juiz ordinário da Câmara da vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco. Na devassa que se procedeu nesse tempo, certo Afonso Ortegas o acusou de "não andar muito composto" (achava-se embriagado), quando à frente de seu alardo, sargenteava a companhia". Foi êle assassinado, em 1698, por um **carijó** da administração de Manuel Dias Velho (irmão do Capm. Francisco Dias Velho, colonizador da ilha de Santa Catarina). Fôra João Dias Arzão tomar uma satisfação a Manuel Dias Velho. Discutiam ambos, êste à janela de sua casa e Arzão da parte de fora, quando se aproximou Ascenço Dias, filho bastardo dêste. Percebendo Manuel Velho que êste vinha disposto a matá-lo, deu de mão à uma espingarda, mas foi logo abatido por tiro certeiro de Ascenço. Um caboclo **carijó** de Manuel Velho, vendo seu amo morto, abateu também com um tiro a João Dias de Arzão que, transportado para sua residência faleceu dois ou três dias depois. O assassino de Arzão fugiu para Guaratuba onde Ascenço, que o perseguira, o matou, segundo testemunho de um tal Jorge Chaves.

V — **Maria de Arzão**

VI — **Ana Rodrigues de Arzão** Foi casada com Belchior de Borba.

Mais tarde encontramos outro **João Dias de Arzão** casado com Maria do Rosário, com os seguintes filhos que achamos:

1 — **Pedro Dias de Arzão,** natural de São Francisco, casado a 10 de junho de 1810 com Leonor Francisca Xavier, filha de Manuel de Souza Rêgo e Ana Francisca, viúva de Marcelino José Martins.

2 — **Luiz Dias Arzão** com uma propriedade à montante do "Pocinho" à margem esquerda do Itajaí.

Quando foi da correição do Ouvidor Pires Pardinho em São Francisco, por 1720, um **Miguel Dias de Arzão** e o seu parente **José Vieira de Arzão** (seriam ambos filhos ou irmãos do sobredito João?) alcançaram votos para exercitarem o cargo de Capitão-mor da vila. Êsse Miguel, segundo informações do Sargento-mor, M. Gonçalves de Aguiar, prestadas em 1711, explorava as já esgotadas faisqueiras de ouro de Itajaí. José Vieira, de quem trataremos abaixo, também alcançou votos para Capitão das Ordenanças da repartição da vila e da Barra-Grande, informa-nos Carlos da Costa Pereira.

Em 1775 o Capm. **Antônio Marques Arzão,** com cinco companheiros andou varejando o sertão catarinense à cata de minas metalíferas; diziam que êle achara prata. Em 1785, vivia êle em Lajes e com a morte do Capitão-mor Correia Pinto, na eleição havida, para substituí-lo, Arzão alcançou o 3.º lugar. Êle, juntamente com o Capm. Antônio José da Costa, contratou a abertura da estrada para Lajes, na parte que ia da Guarda-velha ao Trombudo, por 9.600$000 rs. O serviço foi principiado a 14 de novembro de 1788 e terminado em 6 de dezembro de 1790.

Encontramos, posteriormente, um **Antônio Rodrigues de Arzão** e um **Manuel Correia Arzão,** sem outra indicação.

Vimos ainda, em 1794, **Matias Dias de Arzão** ser aquinhoado com uma sesmaria em **Itajaí.** Refere o Dr. Gualberto que um **Mateus** (seria o Matias?) **de Arzão,** sertanista, havia extraído ouro do morro do Tayó; e que, em 1829, a Câmara do Destêrro informava ao govêrno provincial de que o dito Arzão tirara ouro de muito boa qualidade no referido morro.

Paulo J. Miguel de Brito, em sua preciosa "Memória política" (1816) ao referir-se a Itajaí, escreveu que o fundeadouro do pôrto "é defronte de uma **Fazenda** de lavoura, chamada do **Arzão,** única que com casa ali se encontra".

O atual arrabalde da cidade de Itajaí, chamado **Fazenda,** foi constituído em terras da antiga propriedade de Felícia Alexandrina de Azeredo Leão Coutinho — diz-nos José A. Boiteux em seu "Dicionário histórico e geográfico".

Esta senhora era a 2.ª espôsa de Alexandre José A. Leão Coutinho (vide: "Os Leão Coutinho")

José Vieira de Arzão, natural de São Francisco, Alferes, amancebado com Micaela Fernandes de Faria, moça solteira, teve, ao que apuramos, os filhos abaixo:

I — **Luiz Vieira de Arzão,** natural de São Francisco, casado a 15 de agôsto de 1729, no Destêrro, com Inácia Peres da Silva Pedrosa de Araújo, natural de Santos, filha de pai incógnito e de Francisca Peres, natural de Santos, solteira e liberta. Dêste casal nasceram:

1 — **Inácia**

2 — **José Vieira de Arzão** (2) batizado no Destêrro a 18 de junho de 1756. Casou com Esperança Francisca, filha de Antônio de Souza Santos e Francisca Antonia. Tiveram a filha:

Maria, batizada no Destêrro a 4 de novembro de 1792.

II — **Rosa Maria do Nascimento.** Casou em 25 de abril de 1782 com José Machado Batista, natural de São José, filho de Pedro Machado e Antonia Batista.

III — **Joana Alves Vieira Pedrosa.** Amasiou-se com Antônio Alves Marinho, natural de São Francisco, filho de Antônio Alves Marinho e Antonia Ribeiro Pedrosa, naturais de São Francisco, legalizando essa união no Destêrro a 27 de julho de 1771. Do casal nasceram:

1 — **Ana Alves,** batizada no Destêrro a 14 de maio de 1766; casou a 19 de junho de 1788 com Domingos de Lima, natural de São Francisco, filho de Manuel da Cunha e de Maria Ribeiro de Lima. Dêste casal nasceram:

a) - **Guiomar,** batizada no Destêrro a 1 de maio de 1794;

b) - **Margarida,** batizada no Destêrro a 1 de fevereiro de 1796;
c) - **Josefa,** batizada no Destêrro a 28 de janeiro de 1798;
d) - **José,** batizado no Destêrro a 15 de abril de 1800.

2 — **Antônio Alves Marinho,** batizado no Destêrro a 23 de julho de 1770; casado a 24 de outubro de 1795 com Ana Joaquina, filha de Caetano Francisco (Pereira?) e de Maria Joaquina, viúva de Antônio José Maia. Do casal nasceu:

Carolina, batizada no Destêrro a 8 de agôsto de 1802.

3 — **Rita Alves,** casada a 14 de setembro de 1796 com João (ou José?) Pereira Machado, filho de Manuel Pereira Machado e de Felipa Rosa de Sant'Ana. Do casal nasceram:

a) - **Bernarda,** batizada no Destêrro, a 15 de outubro de 1797.
b) - **João,** batizado a 15 de abril de 1799.

4 — **Maria Alves,** casada com Inácio Antônio, filho de Inácio da Silva e Maria Josefa, a 10 de junho de 1804.

5 — **Luiz Alves Marinho,** casado a 16 de julho de 1815 com Rita do Espírito-Santo, filha de Inácio José de Barros e de... Do casal nasceu:

Maria, nascida antes do matrimônio e falecida a 24 de janeiro de 1814.

(1) Penso haver engano do Dr. Gualberto.

Os "Leão Coutinho"

De **Miguel Gonçalves de Araújo,** natural de Itambi (estado do Rio de Janeiro), e de sua mulher Bárbara da Costa, natural do Rio de Janeiro, nasceu no princípio do século XVIII em Macacu, **Miguel Gonçalves Leão** (2.º). Seguiu êste a carreira das armas. Foi promovido a Capitão em 11 de março de 1752. Casou com D. Rita do Espírito-Santo de Melo Azeredo Coutinho, também do Rio de Janeiro. Veio êle servir na guarnição militar de Santa Catarina. Alcançou uma sesmaria em Caiacanga a 21 de agôsto de 1761 e uma outra na estrada do Ribeirão (também na ilha) em 6 de setembro de 1764. Em junho de 1773 comandava a fortaleza de Araçatuba, na barra do sul. Com a invasão espanhola em 1777 portou-se com muita bravura e hombridade, tanto assim que "foi muito elogiado pe-

lo seu comportamento; e por que já era falecido (no hospital do Rio de Janeiro em 16 de fevereiro de 1781) determinou el-rei, pelo decreto de 14 de janeiro de 1786, que fôssem atendidos "seus serviços aos requerimentos de seus filhos; em virtude de que perceberam êstes até o falecimento do último, o Capm. David de Azeredo Leão Coutinho, o sôldo que vencia seu honrado pai, como se vivo fôra", escreve Almeida Coelho. Sua espôsa já era falecida em 1782. Do casal Miguel Gonçalves e Rita Maria, ao que apuramos, nasceram:

I — **Alexandre José Azeredo Leão Coutinho,** nascido no Rio de Janeiro. Como o pai, seguiu a carreira militar. Sendo Porta-bandeira do Regimento de linha da terra (Barriga-Verde), foi a Portugal requerer a remuneração dos serviços seus e de seu pai; obteve a promoção a Capitão efetivo e o cargo de Governador da fortaleza de Santa Cruz do Anhato-mirim, que assumiu a 3 de novembro de 1787. Foi depois promovido a Major, reformando-se em Tenente-coronel (vide decreto de 14 de janeiro de 1786). Em 1793 alcançou uma sesmaria no **Itajaí,** onde estabeleceu uma **fazenda.** Era casado com D. Fortunata Amélia de Azeredo Leão Coutinho Catela, filha de José Antônio Catela, natural de Milão, e de Ana Joaquina Catela. Enviuvando a 26 de fevereiro de 1798 (sua mulher tinha 20 anos) casou pela 2.ª vez com D. Felícia Alexandrina Azeredo Leão Coutinho (acima referida). O Tenente-coronel Alexandre J. A. Leão Coutinho faleceu com a idade de 64 anos, a 8 de outubro de 1815. Dos dois casamentos nasceram:

1 — **Violante,** falecido em 1793.

2 — **Maria,** batizada a 25 de maio de 1796.

3 — **João,** falecido.

4 — . . . . . . (2.º leito).

5 — **José** (2.º leito) falecido em 1800.

6 — **João** (2.º leito). Estabelecido em Pedra de Amolar, defronte da Ilhota à margem esquerda do Itajaí.

II — **Henrique José Leão Coutinho,** nascido no Destêrro e batizado a 3 de março de 1755. Seguiu a carreira das armas. Era Sargento quando casou com Engrácia Joaquina.

III — **David de Azeredo Leão Coutinho.** Seguiu a carreira militar. Como Porta-bandeira, casou a 7 de setembro de 1782 com Maria Angélica de Jesus, natural do Destêrro (Florianópolis) filha de Antônio Dias da Rocha e Maria Rodrigues da Costa. Casou a 2.ª vez a 7 de janeiro de 1786 com Faustina Luíza do Amor Divino, filha de Pedro da Costa Cardoso e Maria de Santa Rosa. Foi promovido a Capitão em 3 de agôsto de 1803 e, em 1806, foi nomeado Comandante da vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco do Sul. Ao que apurei teve um filho:

1 — **Delfino,** falecido a 1 de julho de 1809.

IV — **Ana de Melo Coutinho,** batizada no Destêrro a 2 de maio de 1759. Casou com Estácio Borges de Bittencourt do Canto, filho de Joaquim Borges de Bittencourt do Canto e de Rosa Luíza de Jesus. Dêsse casamento nasceu entre outros:

1 — **Rita de Melo de Azeredo Coutinho,** nasceu no Destêrro. Casou com o Capitão-mor Manuel José Pires da Silveira Casado, natural de Pôrto Alegre, filho do Capitão-mor José Francisco da Silveira Casado, natural da ilha do Pico (Açôres) e de Bibiana Josefa Bittencourt do Canto, natural da ilha Terceira. Do casal nasceu:

a) - **Manuel José Pires da Silveira,** natural de Pôrto Alegre, nasceu a 1 de janeiro de 1804, casado com Rita Fausta Correia da Câmara, natural de Pôrto Alegre e nascida a 25 de abril de 1808. O casamento teve lugar a 25 de janeiro de 1825.

V — **Domingos de Azeredo Leão Coutinho,** morador na "Volta-grande", à margem esquerda do rio Itajaí.

"Henrique Etur"

Acredito ser filho de **Teodoro Henrique Etur**, natural de Lisboa, filho de **Nicolau Carlos Benjamin Etur** e de Ana Joaquina Rosa, que casou no Destêrro (Florianópolis), a 28 de junho de 1819 com Maria Tibúrcia de Souza Medeiros, filha do Tenente Sálvio Antônio de Medeiros e de Antonia de Andrade.

I — **Henrique Etur** era casado com Maria Leopoldina. Em 1836 era Tenente, morava em Itajaí e era proprietário de uma lancha. Foi comandante militar do Batalhão de milícias de Pôrto-belo em 1842. Como Major estêve à testa da Colônia Itajaí. Enviuvando, casou segunda vez. Faleceu em Itajaí a 29 de setembro de 1861, no pôsto de Tenente-coronel. Teve os seguintes filhos:

1 — **Henrique Frederico Benjamin Etur**, Capitão da Guarda-nacional;

2 — **Augusto Frederico Benjamin Etur.**

Efemérides Blumenauenses

JANEIRO

1881 - dia 1.º. Aparece o primeiro número do jornal "Blumenauer Zeitung". Editor: Hermann Baumgarten. Redator responsável: Antônio Haertel. O aparecimento dessa fôlha foi conseqüência do esfôrço de vários blumenauenses que, há muito, vinham tratando de suprir a lacuna, dotando Blumenau de um periódico em que se fôsse registrando a vida do município recém-criado, no seu desenrolar diário, em todos os ramos de atividade.

Êsse primeiro número do "Blumenauer Zeitung", além de outras notícias interessantes, publica a seguinte lista de preços de gêneros de primeira necessidade, vigorantes na época: Milho, por saco de 80 litros Cr$ 3,00; feijão, idem, 5,00; farinha, idem, 1,40; arroz com casca, idem, 2,00; batatas, idem, 4,00; fumo, por arrôba, de 4,00 a 8,00; açúcar, por arrôba, 2,00 a 2,50; toucinho, idem, de 2,50 a 3,00; cebo, idem, 5,00; manteiga, por quilo, 0,50; banha, idem, 0,30; cêra, idem, 1,00; ovos, por dúzia, 0,10; galinha, por unidade, 0,30 a 0,60; cachaça, por litro, 1,20 a 1,40; tábuas, (costadinho) de 9", por dúzia, 6,00; tábuas, idem, 12", por dúzia, 9,00. Felizes tempos em que se comia manteiga a 10 centavos o quilo! E que manteiga!!!

1881 - dia 2. Foi encontrado morto, nas proximidades de sua casa, em Rio do Têsto, o colono Frederico Rux. Apresentava um ferimento, por tiro, na cabeça, parecendo tratar-se de suicídio. Por êsse tempo começaram a ser exploradas as minas de chumbo do Garcia.

Em princípios de janeiro, C. Haertel, E. Heubach e Hermann Baumgarten fundaram uma Sociedade de Estenografia, para ensino e prática do método de Gabelsberger.

1881 - dia 10. Madalena von Harthental inicia um curso de trabalhos manuais.

1881 - dia 13. Às 3 horas da tarde falece Hermann Wendeburg, um dos mais diligentes e dedicados auxiliares do Dr. Blumenau na direção da colônia. Era o seu guarda-livros desde 1860, quando a colônia

passou para a propriedade do Govêrno Imperial. Chegara à colônia em 1853, com 17 anos de idade e estêve sempre ao lado do fundador, sempre animado e disposto a todos os sacrifícios e renúncias pelo sucesso do empreendimento que, por mais de uma vez, estêve a pique de sossobrar. Atuou em quantos empreendimentos culturais foram concretizados, fazendo parte ativa das muitas sociedades recreativas e educacionais que se fundaram em Blumenau. Foi, enfim, um benemérito cuja memória deve ser honrada pelos contemporâneos.

Seu entêrro, realizou-se no dia seguinte, com grande acompanhamento. Ao descer o corpo à sepultura, falaram o pastor protestante Sandreczki, Wilhelm Friedenreich e Vítor Gaertner, êste em nome do Dr. Blumenau, Hermann Wendeburg, que trabalhou por 25 anos consecutivos na administração da colônia, é visto na fotografia acima, junto com outros velhos blumenauenses. É o que está de pé, à esquerda, de chapéu na mão, de bigodes e cavanhaque. Essa foto foi tomada em 1867 e nela se vêem mais os Srs. Gustavo Spierling, comerciante, Carlos Friedenreich, veterinário, também negociante, Dr. Bernardo Knoblauch, médico, Carl Meyer, comerciante, Hans Breithaupt, pastor Oswaldo Hesse, e Vítor Gaertner. Como homenagem à memória do seu dedicado auxiliar, o Dr. Blumenau deu o nome de Boulevard Wendeburg a atual Alamêda Duque de Caxias.

1884 - dia 3. Chegam à vila de Blumenau dois empregados da Comissão de Estudos da Estrada de Ferro Dom Pedro I.

1884 - dia 16. Realizou-se uma reunião convocada pelos Senhores Sachtleben e Watson com o fim de fundarem em Blumenau uma filial da Sociedade Central de Imigrantes. Não se tendo chegado a um acôrdo, foi marcada outra reunião para o dia 10 de fevereiro.

1884 - dia 29. Um raio caiu na residência do colono W. Starke causando grandes danos materiais. A espôsa e os filhinhos do colono, que se encontravam em casa, nada sofreram além do tremendo susto.

1885 - dia 11. Em São Pedrinho, no atual município de Rodeio, foi morto o colono italiano Antônio Bellini. Atacado a pauladas por desafetos, faleceu em conseqüência dos ferimentos recebidos.

1887 - dia 4. Chegou em visita à colônia, o Presidente da Província, Dr. Francisco José da Rocha. S. Excia. foi recebido com grandes festejos, hospedando-se no Hotel Freygang. Foi-lhe oferecido um banquete nos Atiradores, falando, na ocasião, o juiz municipal Dr. Costa Moreira, o Dr. Paula Ramos, Augusto Germer e outros. O Presidente agradeceu, elogiando a colonização alemã. No dia seguinte S. Excia. visitou as repartições públicas, escolas, casas particulares etc. Regressou a 6.

1887 - dia 5. Recomeçou a funcionar a fábrica de conservas de Asseburg, que se havia incendiado. As máquinas foram reparadas pelo Sr. Doerflinger de forma que continuaram ainda a prestar bons serviços.

1887 - dia 7. Reunidos em sessão solene, os vereadores eleitos no ano anterior Guilherme Scheeffer, Henrique Clasen, Francisco Lungershausen, Leopoldo Hoeschl, Jacob Luiz Zimmermann, Luiz Altemburg, José Henrique Flôres Filho e José Joaquim Gomes, elegeram para presidente da Câmara o negociante Guilherme Scheeffer. Êste foi um blumenauense operoso e progressista. É uma figura que aparece em todos os acontecimentos da vida política, administrativa, social e cultural da colônia, recentemente elevada a município. Em tôdas as realizações, êsse ativo presidente da Câmara, cargo que então correspondia ao de prefeito atual, estava sempre à dianteira. Na "Cultur Verein", na Sociedade dos Atiradores, na Comunidade Evangélica, os seus conselhos eram ouvidos e respeitados. Durante a presidência Scheeffer, vários foram os melhoramentos introduzidos no município e sua sede. Deu-se providências para a criação da estação telegráfica e da organização do patrimônio municipal. Em Gaspar foi criada uma escola pública masculina. A estrada para Curitibanos mereceu também a atenção da Câmara, por intermédio da qual Gottlieb Reif recebeu determinada importância para terminar os trabalhos de que a estrada necessitava.

1887 - dia 15. Faleceu, com 75 anos de idade, no hospital, Frederico Hoffmann, conhecido pelo apelido de "Schirmonckel", por ser consertador de guarda-chuvas e de outros pequenos objetos de uso pessoal. De temperamento muito excêntrico o "Schirmonckel" vivia de brigas com os vizinhos. Tinha veia poética e fazia versos humorísticos sôbre tudo e sôbre todos.

1889 - dia 7. H. Ruseler funda a Escola Nova "Neue Schule".

1889 - dia 8. Falece, repentinamente, em Encano, Wilhelm Kolbe, gerente do negócio de Von Ockel. Era um homem excessivamente corpulento.

1889 - dia 20. Realiza-se uma reunião da "Kranken Unsterstuetzungs-Verein", fundada em 1862. Contava, na época, 110 sócios e possuía um ativo de cinco contos, na sua maioria em papéis do Estado.

1889 - dia 24. Forte temporal desaba sôbre a vila acompanhado de trovões e raios.

Curiosidades

Nunca faltaram aquêles que, ou ignorantes do passado de Blumenau, ou movidos por condenável xenofobia, atribuem ao Dr. Blumenau sentimentos muito outros do que aquêles que em verdade inspiraram a fundação da colônia.

Entendem que o determinativo dessa fundação teve origem política. O que o Dr. Blumenau queria, no entender dessa gente, era construir uma pequena Alemanha nas margens do Itajaí; uma comuna impermeável a tudo quanto cheirasse a brasileirismos; um estabelecimento onde alemães escolhidos vivessem como alemães, preparando terreno para o predomínio comercial e político da mãe-pátria sôbre todo o país semi-civilizado que então era o Brasil; um organismo propagador das vantagens e das belezas da sonhada "Alemanha Antártica".

Os que pensam assim não conhecem a história de Blumenau e a do seu fundador. Êste, além das boas qualidades de um caráter reto e digno, foi um grande amigo do Brasil e fundou a sua colônia visando, apenas, a dar a patrícios seus, que na época viviam em dificuldades na sua pátria, uma outra pátria onde houvesse liberdade, paz e trabalho e ao Brasil um agrupamento de homens sadios e inteligentes que cooperassem, com entusiasmo, na sua grandeza e na sua glória.

Disso o passado de Blumenau está cheio de exemplos edificantes.

Com a publicação dos relatórios enviados anualmente pelo fundador ao Govêrno Imperial, que pretendemos fazer nestes cadernos, e que são a melhor prova do que afirmamos, os administradores, os intelectuais, os homens com alguma parcela de responsabilidade nos destinos brasileiros, hão de concordar conosco e prestar à memória do grande colonizador o preito de estima e gratidão que êle realmente merece.

Blumenau foi, como com muita propriedade afirmou, certa feita, em magnífico discurso, êsse espírito de escol que é Pedro Calmon, o magnífico reitor da Universidade do Brasil, "o grande alemão do Itajaí que se fêz o maior brasileiro de Blumenau".

Leiam os detratores do fundador êsses relatórios na seqüência dêstes cadernos e julguem.

Ao escrevermos as linhas acima, não foi nosso intuito demonstrar os sentimentos de brasilidade que animaram o fundador em todos os seus atos na direção da colônia. Foi chamar a atenção para certas particularidades que nem mesmo os afeitos ao estudo da história do Vale do Itajaí provàvelmente têm notado: o escrupuloso cuidado com que o Dr. Blumenau sempre procurou fugir a tudo quanto pudesse levantar suspeitas de estar contribuindo para dificultar a nacionalização completa dos seus emigrantes.

Que êle bateu-se muito, e até violentamente às vêzes, para que as escolas tivessem professôres brasileiros, ou pelo menos que conhecessem perfeitamente o português; que êle mesmo, quando da sua che-

A CULTURA DO FUMO

Uma companhia nacional tem dedicado especial atenção ao Vale do Itajaí, incentivando, por todos os meios, aconselháveis, a cultura do fumo.

É assim que se vê, em tôdas as linhas coloniais da bacia do grande Itajaí, vastas áreas cobertas de plantações da conhecida e discutida solanácea.

A companhia, além de fornecer sementes, mudas e adubos, financia as culturas e o preparo do fumo, dispondo para isso de técnicos que percorrem as zonas produtoras, aconselhando e fiscalizando o trabalho dos agricultores.

Seria interessante que o Ministério da Agricultura observasse com cuidado essas providências e as adotasse, com o rigor e a técnica seguidos pela companhia, aos vários órgãos de incremento e defesa da produção vegetal. Certamente estaríamos bem mais adiantados nesse setor.

Acontece, entretanto, que, particulares e órgãos de imprensa, talvez mal orientados, têm incentivado uma campanha sistemática contra essa cultura, alegando, entre outros argumentos, êstes:

1) Encaminhando o colono e o incentivando por meio de facilidade para o cultivo do fumo, a companhia faz com que êle deixe de produzir gêneros indispensáveis à alimentação do povo e, concorrendo, assim, para agravar o custo da vida;

2) além de outros inconvenientes, o plantio do fumo esteriliza

---

Curiosidades

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

gada ao Brasil já dominasse perfeitamente a nossa língua; que os seus relatórios, as suas cartas, eram sempre redigidos em bom vernáculo; que falava o português sempre que podia, mesmo com aquêles que conhecessem também o alemão, são fatos que não sofrem contestação.

E nisso foi mesmo mais escrupuloso do que tem sido muito caboclo de puro sangue luso.

Nós, por exemplo, que somos dêsses caboclos, nunca deixamos de dizer e escrever "Weissbach", "Badenfuhrt", "Altona" etc., quando nos referimos a certas localidades do município, batizadas pelos primeiros colonos com nomes alemães.

Blumenau nunca o fêz. E é curioso observar que, onde todos, até os nativos, usavam os nomes dados pelos imigrantes, Blumenau, em seus relatórios e cartas, sempre os dava na sua tradução portuguêsa.

"Badenfuhrt", por exemplo, que é tantas vêzes repetido, sempre foi, nos escritos do Dr. Blumenau, o "Passo dos Badenses" versão que, certamente, muitos, ou quase todos os blumenauenses não conhecem, embora passem diàriamente pelo Badenfuhrt.

O mesmo se dá com "Weissbach" que, nos escritos do fundador, sempre foi "Ribeirão Branco".

São curiosidades que significam muito para quem estuda a vida e a obra do grande colonizador.

o solo em que é feito e que se torna, depois, imprestável para outras culturas;

3) a cultura do fumo, dizem, é prejudicial à economia do país pois, diminuída a produção de gêneros de primeira necessidade, pelo desvio de braços para aquela cultura, teremos que importar êsses gêneros do estrangeiro, etc.

No propósito de orientar a população da bacia do Itajaí, a de todo o Estado, e mesmo porque essa é uma das precípuas finalidades dos nossos "Cadernos", propusemo-nos fazer uma consulta à Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, onde também é bastante desenvolvida a cultura do fumo, a propósito do palpitante assunto, de tanto interêsse para a economia da mais rica zona colonial do Brasil.

Aquela secretaria, pelo engenheiro agrônomo José Ozório de Souza Júnior, chefe da Seção de Fumo, Plantas Inseticidas e Medicinais, assim se manifestou:

"No que concerne ao seu *primeiro item*, quanto à diminuição da produção de gêneros de primeira necessidade, pela concorrência do plantio do fumo, não estamos habilitados a responder, porquanto não conhecemos a região citada no Estado de Santa Catarina, ou seja os municípios do Vale do Itajaí.

"Quanto ao *segundo item*, mencionado, no qual se acredita ser a cultura do fumo esterilizadora da terra, somos de parecer contrário. Tôda e qualquer cultura enfraquecerá a fertilidade do solo, desde que os elementos retirados por colheitas sucessivas, não sejam restituídos através de fertilizações consecutivas.

"Se tal acontecesse, teríamos no Estado do Rio Grande do Sul, grandes faixas de terras imprestáveis, pois que, êste Estado abastece as fábricas de São Paulo, anualmente, com cêrca de VINTE E DOIS MILHÕES de quilos de fôlhas de fumo para cigarro.

"No entretanto, a produção média por alqueire, naquele Estado, tem aumentado constantemente.

"No Estado da Bahia, as plantações de fumo são centenárias nas mesmas terras, sem que haja diminuição da produção, desde que se empregue o sistema de rotação.

"No Estado de São Paulo, é muito conhecido o fumo de Tietê, em cujo município essa solanácea é plantada desde os tempos coloniais. No entretanto, em São Paulo, as terras do Tietê, são consideradas como sendo uma das mais férteis do Estado.

"Quanto ao *terceiro item*, achamos que a cultura do fumo, oferece grandes vantagens à Economia do País. Há cêrca de vinte anos, importávamos fumos Americanos, Italianos, Turcos e da América Central, o que equivale a dizer, enfraquecíamos, por estas importações, o nosso contrôle cambial. Ao passo que, atualmente, não necessitamos mais de importação de fumo, porquanto a produção nacional, abastece com vantagem as nossas indústrias fumículas. Assim, economizamos em divisas, milhões de cruzeiros-ouro".

Até aqui a palavra do abalizado técnico paulista, a quem agradecemos a atenção que dispensou à nossa consulta.

O assunto, pelo que tem de significativo para os nossos e os municípios catarinenses, merece ser desenvolvido com maiores detalhes e nós voltaremos a êle num dos próximos cadernos.

O Aniversário do Município

A época não está para muitas festas patrióticas. E o dinheiro é pouco para enfrentar as necessidades e a ganância de muitos afilhados da fortuna pública. Por isso, o 75.º aniversário da instalação do município de Blumenau, fato que ocorreu a 10 de janeiro de 1883, passou desapercebido. Para quê festejar datas cívicas, se não se tem tempo nem para os espetáculos de futebol, para os festejos de carnaval, para os "cinemascope" de 18 cruzeiros (que em breve estarão nos 24), para os programas de rádio e televisão e, de vez em quando, um circo nos picadeiros dos partidos políticos?

Nós, entretanto, que não pensamos assim, embandeiramos o nosso "Caderno" de hoje para congratularmo-nos com a população de todo o Vale do Itajaí pela passagem de data tão significativa para a nossa história. E, com a modéstia que sempre nos caracterizou, festejamos o acontecimento oferecendo aos nossos leitores êstes dados referentes à instalação do govêrno municipal:

"As eleições para a primeira Câmara de Blumenau realizaramse a 1.º de julho de 1882. O número de eleitores que votaram foi de 49, sendo 14 no distrito de Blumenau e 35 no de Gaspar. Foram eleitos vereadores Luiz Sachtleben, Otto Stutzer, Jacob Zimmermann e Francisco Sálvio de Medeiros. Nesse mesmo dia e conjuntamente com a de vereadores, houve eleição para juízes de paz, tendo sido eleitos: o Dr. W. Eberhardt, com 11 votos, Júlio Baumgarten, com 10, Francisco da Rocha com 8 e Guilherme Scheeffer com 8, também. Outros foram menos votados. O Dr. Eberhardt era, então, o agente do Correio, e, por isso, impedido de exercer as funções para que fôra eleito. E como, no pleito, haviam sido eleitos, apenas 4 vereadores, quando o número legal era de 7, foi preciso proceder-se à nova eleição. Isso se deu a 30 de julho, quando foram eleitos os três vereadores faltantes. A escolha recaíu em José Henrique Flôres Filho, José Joaquim Gomes e Henrique Watson, os dois primeiros de Gaspar e o último de Blumenau.

Com extraordinária solenidade e grande alegria em tôda a antiga colônia, o município foi instalado a 10 de janeiro do ano seguinte.

O ato da instalação e posse da Câmara foi presidido por Luiz Fortunato Mendes, presidente da Câmara municipal de Itajaí, secretariado por Francisco Vitorino da Silva e assistido por grande número de pessoas de destaque na vila, além de Olímpio Aniceto da Cunha e Ernesto Augusto Bustamante, vereadores de Itajaí, que dali vieram especialmente. Empossados os vereadores, escolheram para seu presidente a José Henrique Flôres Filho, e nomearam procurador, secretário e fiscal nas pessoas de Avé Lallement, Guido von Seckendorff e Oto Wehmuth, respectivamente. Luiz Sachtleben foi escolhido vice-presidente e Henrique Watson secretário da Câmara. Contava, por ocasião da instalação, o município de Blumenau com 13.756 habitantes.

José Henrique Flôres Filho, como presidente da Câmara (cargo que equivalia ao de Prefeito atual) geriu os destinos blumenauenses até 7 de janeiro de 1887. Era natural da cidade de Itajaí, filho de José

MONUMENTOS DO VALE DO RIO ITAJAÍ

O edifício do Forum e Prefeitura de Blumenau é uma das mais interessantes e imponentes construções do Vale do Itajaí. Foi levantado em 1940, durante o govêrno do prefeito J. Ferreira da Silva, no mesmo local em que se encontrava o prédio da administração da colônia, construído pelo Dr. Hermann Blumenau. Suas linhas arquitetônicas não são clássicas, mas traduzem o gôsto blumenauense que, numa pitoresca mistura de estilos concretiza obras de incontestável beleza que dizem bem com a paisagem circundante. Nesse prédio foram reunidas tôdas as repartições públicas estaduais, federais e municipais, facilitando, assim, grandemente, os negócios entre os governos e o povo do município. O crescente aumento da cidade, entretanto, está exigindo mais espaço para a instalação dessas repartições, muitas das quais já tiveram que sediar-se fora do edifício da Prefeitura. Mas ainda está em tempo de, com novas construções, evitar-se o afastamento dos cartórios e demais repartições governamentais do centro oficial, facilitando-se o contribuinte e poupando despesas desnecessárias.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

Henrique Flôres, tronco, pelo lado materno, da família Konder, e de sua espôsa Maria Clara da Silveira. Era ativo e enérgico. Sua influência na administração pública e na vida política do novo município, caracterizou-se por um sem número de atos de que resultaram muitos benefícios a Blumenau. Nomeado coletor das Rendas Provinciais, tomou posse dêsse cargo a 15 de junho de 1888 e abandonou a política. Faleceu vítima de um desastre, quando se dirigia, na sua aranha, para a sua residência no Garcia".

E nossos parabens a Blumenau, na data do seu 75.º aniversário, com votos ardentes de constantes prosperidades!

Notas Ligeiras

O município de Pôrto Belo, a cuja jurisdição Blumenau e todo o Vale do Itajaí pertenciam até a criação do município de Itajaí, estendia-se desde o Rio Gravatá, um pouco abaixo de Penha do Itapocoroí, limite com o município de São Francisco, até o rio Tijucas que fazia a divisa com a freguesia de São Miguel. Os limites de oeste iam até a Serra Geral, até os limites de Lajes. Em resumo: Quase a metade de todo o território catarinense.

— * —

Ao requerer as terras em que mais tarde o Dr. Blumenau estabeleceu a sua colônia, o mesmo apresentou à Assembléia Legislativa uma proposta de colonização. Essa proposta, em seu artigo 12, rezava: "Fica desde já e para sempre proibida a entrada de escravos nas terras concedidas pelo govêrno à Companhia e seus colonos, para se empregarem em serviço de qualquer natureza nessas terras ou em serviços domésticos, proibição esta que se estende às aquisições de terras devolutas nacionais que de futuro houverem de fazer a Companhia ou os colonos e que fica também autorizada a Companhia de impor, conformando-se às circunstâncias especiais, nas terras particulares que comprar ou adquirir por qualquer outro título. Nunca poderão entrar escravos da Companhia, nem das pessoas estabelecidas nas terras concedidas pelo govêrno e nenhum proprietário de qualquer parcela dêsses terrenos poderá ao mesmo tempo ser dono de terras e de escravos!"

Fotografia tomada por ocasião da visita do presidente Vargas a Blumenau, em 1940, durante o banquete de 600 talheres que lhe foi oferecido no Teatro Carlos Gomes.

Figuras do Passado

Frederico G. Busch

Natural de Santo Amaro da Imperatriz, onde nasceu em 29 de dezembro de 1865, Frederico Guilherme Busch veio para Blumenau em 1888 e de tal forma atuou na vida social e econômica do município que se tornou uma das suas figuras mais destacadas.

Homem de grandes iniciativas, espírito ativo e trabalhador, dotou a cidade de vários melhoramentos que ainda hoje aí estão a confirmar o seu alto valor como industrial e homem de negócios.

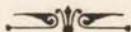
Blumenau lhe deve, entre outras obras beneméritas, o comêço de sua exportação de produtos laticínios e a sua primeira fábrica de fósforos. Em 1905 obteve concessão para explorar a energia elétrica no Vale do Itajaí e passou a dedicar-se também aos assuntos de cinema, tendo já em 1909 aparelhos para filmes falados. Era proprietário do vapor "Gustavo", que fazia a linha regular de transporte de cargas e passageiros entre Blumenau e Itajaí.

Juntamente com Henrique Probst, seu sogro, fundou a Emprêsa Garcia que é hoje uma das grandes potências industriais do Município. Morreu em 1943.

Foi sempre um grande amigo de Blumenau ao qual queria ver à frente de tôdas as iniciativas úteis. Trouxe para cá o primeiro automóvel e a primeira Companhia lírica.

Durante a enchente de outubro de 1911, o rio Itajaí-açu, saindo do seu leito um pouco acima da cidade, formou um novo braço que, invadindo os terrenos em direção ao norte, foi desaguar nas imediações da Penha do Itapocoroí.

— * —

Os rios do Têsto, Benedito e Cedros foram explorados no princípio do ano de 1863 pelo engenheiro A. Wunderwald que ligou o seu nome a uma das linhas coloniais do município.

Blumenau em Cadernos

Mensário dedicado à história e aos interêsses do Vale do Itajaí

Assinatura 12 números .... Cr$ 100,00
Número avulso .... Cr$ 10,00

Administração e responsabilidade de Luiz Ferreira da Silva.
Tôda a correspondência deverá ser dirigida a

Blumenau em Cadernos
Caixa Postal, 425
BLUMENAU — S. CATARINA